

Práticas de Socialização Emocional em Instituições de Acolhimento para Crianças e Adolescentes

Emotional Socialization Practices in Residential Care Institutions for Children and Adolescents

Prácticas de Socialización Emocional en Instituciones de Acogida para Niños y Adolescentes

Pratiques de Socialisation Emotionnelle dans les Institutions d'Accueil pour Enfants et Adolescents

 10.5020/23590777.rs.v25i3.e15162

Gabriella Garcia Moura  

Professora Adjunta do Departamento de Psicologia Social e do Desenvolvimento da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, desde 2018) e Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES (PPGP, desde 2021). Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP, 2009), Mestra e Doutora em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade de São Paulo (USP, 2012 e 2017) e Doutora Sanduíche na Universidad Autónoma de Madrid (UAM, 2015). Atualmente, é membro e coordenadora do Grupo de Trabalho (GT) “Contextos sociais de desenvolvimento: aspectos evolutivos e culturais”, da ANPEPP (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia).

Franciela Fernandes Vazzoler  

Graduada em Administração pela Faculdade Integrada Espírito-Santenses (FAESA, 2003); Graduada em Psicologia pelo Centro Universitário Salesiano (UNISALES, 2010) e Mestra em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES, 2023). Atualmente, é Professora do Departamento de Administração da Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI, 2023); e Psicóloga da Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais de Venda Nova do Imigrante/ES (APAE-VNI/ES, desde 2022).

Célia Regina Rangel Nascimento  

Graduada pela Universidade Estadual Paulista - UNESP (Assis) (1995). Mestra em Psicologia do Desenvolvimento pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (1998). Doutora em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2006).

Resumo

Este artigo tem por objetivo apresentar e discutir as práticas de socialização emocional adotadas por profissionais de instituições de acolhimento frente às expressões emocionais de crianças e adolescentes acolhidos, a partir dos relatos e percepções desses profissionais. Participaram do estudo 17 cuidadoras e cinco psicólogos de instituições de acolhimento de quatro municípios da Região Serrana do Espírito Santo. Os dados foram coletados por meio de entrevistas individuais e analisados pelo método de análise do conteúdo. Os resultados indicaram predomínio de práticas apoiadoras, com uso do diálogo, escuta e contato físico para auxiliar os acolhidos na compreensão e regulação de suas emoções. Entretanto, também foram identificadas práticas distais, como “dar um tempo” ou “distrair”, e práticas não apoiadoras, envolvendo minimização ou supressão das emoções expressadas. Observaram-se convergências e divergências entre cuidadoras e psicólogos quanto às estratégias adotadas, evidenciando diferentes abordagens no manejo das emoções. Discutiu-se a importância do suporte emocional oferecido aos acolhidos e a necessidade de formação continuada para os profissionais do acolhimento, visando o fortalecimento de competências socioemocionais e contribuindo para que os acolhidos expressem, compreendam e manejem as emoções.

Palavras-chave: socialização, regulação emocional, criança acolhida, acolhimento institucional.

Abstract

This article aims to present and discuss the emotional socialization practices adopted by professionals in residential care institutions in response to the emotional expressions of institutionalized children and adolescents, based on the professionals' reports and perceptions. The

study included 17 caregivers and five psychologists from residential care institutions located in four municipalities in the Mountain Region of Espírito Santo, Brazil. Data were collected through individual interviews and analyzed using content analysis. The results indicated a predominance of supportive practices, with the use of dialogue, active listening, and physical contact to help residents understand and regulate their emotions. However, distal practices, such as “giving time out” or “distracting,” as well as non-supportive practices involving the minimization or suppression of expressed emotions, were also identified. Convergences and divergences were observed between caregivers and psychologists regarding the strategies adopted, highlighting different approaches to emotional management. The findings underscore the importance of emotional support offered to institutionalized children and adolescents and the need for continuing professional education in residential care settings, with a view to strengthening socioemotional competencies and fostering the expression, understanding, and regulation of emotions among residents.

Keywords: socialization, emotional regulation, foster youth, residential care.

Resumen

El presente artículo tiene como objetivo presentar y discutir las prácticas de socialización emocional adoptadas por profesionales de instituciones de acogida frente a las expresiones emocionales de los niños y adolescentes acogidos, a partir de los relatos y percepciones de dichos profesionales. Participaron en el estudio diecisiete cuidadoras y cinco psicólogos de instituciones de acogida ubicadas en cuatro municipios de la Región Serrana del estado de Espírito Santo. Los datos fueron recolectados mediante entrevistas individuales y analizados a través del método de análisis de contenido. Los resultados indicaron un predominio de prácticas de apoyo, caracterizadas por el uso del diálogo, la escucha y el contacto físico para ayudar a los acogidos en la comprensión y regulación de sus emociones. No obstante, también se identificaron prácticas distales, como “dar un tiempo” o “distracer”, y prácticas no apoyadoras, que implican la minimización o supresión de las emociones expresadas. Se observaron convergencias y divergencias entre cuidadoras y psicólogos en relación con las estrategias adoptadas, evidenciando diferentes enfoques en el manejo de las emociones. Se discutió la importancia del apoyo emocional ofrecido a los acogidos y la necesidad de formación continua para los profesionales de las instituciones, con el fin de fortalecer las competencias socioemocionales y favorecer que los acogidos puedan expresar, comprender y manejar sus emociones.

Palabras clave: socialización, regulación emocional, niño acogido, acogida institucional.

Résumé

Cet article vise à présenter et à discuter les pratiques de socialisation émotionnelle adoptées par les professionnels des institutions d'accueil face aux expressions émotionnelles des enfants et des adolescents accueillis, à partir des récits et des perceptions de ces professionnels. Un total de 17 aidantes et cinq psychologues dans des institutions d'accueil de quatre municipalités de la région montagneuse de l'État d'Espírito Santo a participé à l'étude. Les données ont été recueillies au moyen d'entretiens individuels et analysées selon la méthode d'analyse du contenu. Les résultats ont révélé une prédominance de pratiques de soutien, mettant en œuvre le dialogue, l'écoute et le contact physique afin d'aider les personnes accueillies à comprendre et à réguler leurs émotions. Cependant, des pratiques distales ont également été identifiées, telles que « faire une pause » ou « distraire », et des pratiques non soutenantes, impliquant la minimisation ou la suppression des émotions exprimées. On a observé des convergences et des divergences entre les aidantes et les psychologues concernant les stratégies adoptées, mettant en évidence différentes approches dans la prise en charge des émotions. On a discuté de l'importance du soutien émotionnel offert aux personnes accueillies, ainsi que de la nécessité d'une formation continue pour les professionnels de l'accueil, afin de renforcer les compétences socio-émotionnelles et d'aider les personnes accueillies à exprimer, comprendre et gérer leurs émotions.

Mots-clés : socialisation, régulation émotionnelle, enfant accueilli, accueil institutionnel.

Para as crianças e adolescentes em instituições de acolhimento, vítimas de violações de direitos (por negligências, violências, maus-tratos ou abandono) ou cujas famílias não estão em condições de desempenhar seu papel de cuidado e proteção, a instituição é um importante espaço de socialização e desenvolvimento (Cavalcante & Cruz, 2018). Enquanto estão acolhidas, a instituição torna-se o “ambiente imediato de maior impacto em suas vidas, onde realizam o maior número de atividades e papéis, estabelecendo relações face-a-face ou simbólicas” (Yunes et al., 2004, p. 209).

Nesse contexto, os cuidadores/educadores sociais desempenham função primordial nos cuidados cotidianos e práticas educativas, tornando-se os principais agentes de socialização dos acolhidos. Seus estilos de cuidado, práticas, crenças, valores e metas de socialização influenciam os processos de aprendizagem e desenvolvimento infantil (Chinn et al., 2021; Kappler & Mendes, 2019). Nessas interações a criança vai sendo socializada, tendo a oportunidade de desenvolver hábitos,

habilidades, valores e motivações compartilhadas nesse ambiente institucional, como a aprendizagem sobre as expressões emocionais e regulação da emoção (Lewis et al., 2022; Mendes & Kappler, 2018).

O processo de socialização emocional proporciona à criança aprender a expressar, nomear, reconhecer, interpretar e regular as suas emoções (Kappler, 2021). O reconhecimento, expressão e manejo das emoções são aspectos importantes do desenvolvimento, tendo repercussões nas relações e na saúde mental. Fortes et al. (2022) identificaram, em estudo com 857 adultos, correlações positivas significativas entre afeto positivo e bem-estar, assim como a mediação da estratégia de reavaliação cognitiva na diminuição do efeito do afeto negativo no bem-estar, demonstrando a importância do reconhecimento e avaliação das emoções.

Quando um cuidador ensina e explica à criança acolhida sobre as emoções, ele contribui diretamente para o desenvolvimento de suas competências emocionais (Mendes & Kappler, 2018). Nesse sentido, os profissionais da instituição de acolhimento são agentes de socialização imprescindíveis para ajudar a criança a vivenciar, identificar e regular suas próprias emoções. São eles que “ensinam as crianças como expressar suas emoções e percebê-las nas outras pessoas, (...) enquanto o contexto sociocultural compõe o significado e a expressão das emoções, estabelecendo regras de exibição e variadas formas de interpretar essas manifestações” (Mendes, 2018, p. 95). Esse é um tema especialmente relevante ao considerar as experiências e vivências de crianças e adolescentes acolhidos, uma vez que a literatura científica nacional e internacional retrata extensamente as relações entre o processo de institucionalização e os transtornos socioemocionais (Batki, 2018; Kappler, 2021).

Na revisão de literatura conduzida por Vazzoler (2023), reiterou-se a tradicional compreensão do espaço de acolhimento como um local que promove poucas trocas afetivas, frequentemente relacionado a privações psicossociais, distúrbios mentais e risco de cronificação de dificuldades emocionais. Dentre os estudos encontrados, diversos autores destacaram as dificuldades no desenvolvimento socioemocional de crianças e adolescentes institucionalizados, a partir de experiências adversas que antecederam à institucionalização, como traumas, maus-tratos, violências, negligência emocional precoce e sofrimentos decorrentes da separação da família. Para além disso, ainda ressaltaram as vivências desafiadoras relacionadas ao cotidiano institucional, como rotatividade de profissionais, conflitos entre os próprios acolhidos, processos judiciais, entre outros (Batki, 2018; Chinn et al., 2021). Outros chegaram a apontar as dificuldades dos acolhidos em relação às experiências afetivas e transtornos socioemocionais, assim como as dificuldades com regulação emocional e em corresponder, de forma apropriada, às expressões emocionais (Fries & Pollak, 2004; Mendes & Kappler, 2018).

Apesar dessas conhecidas adversidades associadas à institucionalização, destacou-se a baixa produção de pesquisas nacionais que investigam as competências emocionais e os processos de regulação e socialização das emoções em instituições de acolhimento infantil. Nas pesquisas encontradas em bases internacionais, apesar de relacionarem o desenvolvimento emocional com as vivências prévias à institucionalização, não houve abordagem sobre as práticas de socialização emocional em si, tampouco sobre como vêm sendo trabalhadas pelos profissionais dos acolhimentos. Portanto, a revisão de literatura evidenciou quão pouco se sabe sobre as práticas de socialização emocional em contextos de acolhimento (Vazzoler, 2023).

Explorar, descrever e conhecer esses processos pode favorecer diretamente a orientação das práticas de cuidado e educação promotoras do desenvolvimento afetivo, com adequado enfrentamento das dificuldades socioemocionais das crianças e jovens acolhidos. É por meio das interações e das trocas afetivas que a criança encontrará fontes de apoio, conforto e suporte socioemocional que contribuirão para o enfrentamento de situações que possam representar sofrimento, estresse e conflito para a criança e para o adolescente (Moura et al., 2022).

Com o propósito de contribuir nessa direção, a presente pesquisa buscou conhecer, a partir de relatos e percepções de cuidadores e psicólogos que atuam em instituições de acolhimento, as práticas de socialização emocional adotadas diante das expressões emocionais e afetivas das crianças e adolescentes acolhidos. Especificamente, objetivou-se descrever: as expressões emocionais associadas a cada prática; as estratégias ou ações específicas que compunham cada prática; e convergências e divergências nos relatos dos cuidadores e psicólogos.

Método

Como delineamento metodológico, optou-se por desenvolver um estudo exploratório com abordagem qualitativa. Estudos dessa natureza permitem explorar percepções e interpretações sobre uma determinada questão de investigação, contribuindo para uma compreensão mais aprofundada das experiências e realidade social de um grupo específico (Rossetti-Ferreira et al., 2004). Além disso, o estudo se fundamentou na perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações (*RedeSig*). Afinada com pressupostos socio-históricos e culturais, essa perspectiva valoriza os processos interativos, buscando compreender o desenvolvimento humano como um processo complexo que articula diversos elementos – por exemplo, história de vida, experiências socioafetivas e circunscritores contextuais. A *RedeSig* também propõe uma metodologia que busca apreender as (inter)ações, emoções, percepções e significações dos participantes (Rossetti-Ferreira et al., 2004).

Participantes

Os participantes foram cuidadores sociais e psicólogos que atuam em serviços de acolhimento institucional (abrigos) para crianças e adolescentes. Optou-se pela participação de cuidadores por serem os profissionais que passam mais tempo em interação com as crianças, agentes diretos de socialização nestes contextos (Cavalcante & Cruz, 2018). Já a participação de psicólogos, membros da equipe técnica, foi considerada por serem profissionais cuja formação acadêmica contempla conhecimentos específicos relacionados aos aspectos afetivos e emocionais do desenvolvimento (Silva et al., 2015). Como critério geral de exclusão, considerou-se a não participação de cuidadores e psicólogos que atuassem nesta função há menos de oito semanas.

No total, a amostra consistiu em 22 participantes, composta por cinco profissionais da psicologia e 17 cuidadoras, que atuam em instituições de acolhimento localizadas na região Serrana do Estado do Espírito Santo/ES. A pesquisa foi realizada em quatro municípios, todos distantes da área metropolitana da capital do Estado. Em revisão de literatura, verificou-se que a maioria das investigações sobre o tema é conduzida em capitais, regiões metropolitanas ou grandes cidades onde se situam as universidades que desenvolvem pesquisas sobre o assunto. Isso ressalta a relevância e contribuição deste estudo, por dar visibilidade a experiências de profissionais de outras localidades, especialmente de cidades do interior do Estado.

Todos os quatro municípios que participaram da presente pesquisa dispõem de instituições de acolhimento para crianças e adolescentes, atendendo a ambos os sexos na faixa etária de zero a 18 anos. Essas instituições são operacionalizadas pelas Secretarias Municipais de Assistência Social de cada cidade.

Dentre as 17 cuidadoras sociais participantes desse estudo, todas eram do sexo feminino, com idades variando entre 27 e 58 anos, com média de idade de 44,3 anos. Quanto à escolaridade, esta abrangeu desde o ensino fundamental incompleto até o ensino superior completo. No que diz respeito ao tempo de atuação em instituição de acolhimento, este variou de dois meses até mais de 16 anos de atuação na área. Dentre as cuidadoras, 16 eram mães, algumas também avós, e apenas uma cuidadora indicou não ter filhos.

Com relação aos psicólogos, participaram do estudo quatro profissionais do sexo feminino e um do sexo masculino, com idades variando entre 26 e 49 anos, com média de idade de 32,6 anos. Todos possuíam pós-graduação, mas somente uma psicóloga indicou ter pós-graduação na área de acolhimento institucional, e duas psicólogas tinham menos de um ano de experiência em instituição de acolhimento, enquanto os demais tinham mais de dois anos de atuação nesse campo. Apenas uma profissional informou ser mãe de uma criança de cinco anos.

Instrumentos e Procedimentos de Coleta de Dados

Para a coleta de dados, foram utilizados dois instrumentos: a) Formulário de Identificação e informações profissionais; e b) Roteiro de Entrevista Semiestruturado. Importante detalhar que o Roteiro de Entrevista foi estruturado em duas partes. A primeira abordou as percepções dos profissionais sobre o processo de socialização emocional, explorando tópicos como as emoções mais frequentemente manifestadas pelas crianças e adolescentes acolhidos; como os acolhidos expressam, compreendem e vivenciam suas emoções e reagem às expressões emocionais dos outros no cotidiano institucional; o que os profissionais pensam sobre seu papel como agentes no processo de socialização emocional destes acolhidos; e o que pensam sobre a importância do desenvolvimento das competências emocionais. As questões dessa primeira parte foram inspiradas em Roteiro desenvolvido por Kappler (2021), que investigou a socialização emocional em instituições acolhedoras. Já a segunda parte foi baseada no Roteiro “Entrevista sobre Práticas de Socialização das Emoções Negativas dos Filhos”, de Lins (2018). Foram apresentadas aos participantes quatro imagens de crianças expressando diferentes emoções (tristeza, preocupação/ansiedade, raiva e alegria), seguidas de questões como: “O que você acha que essa criança está sentindo?” e “O que você faz quando está com uma criança, em acolhimento, se sentindo assim?”. Essa abordagem permitiu acessar tanto a interpretação que faziam das expressões das crianças quanto as respostas dos profissionais diante dessas manifestações no contexto institucional.

Assim, a composição desse instrumento buscou captar percepções, experiências e práticas de cuidado e apoio emocional. Após a aprovação da pesquisa pelo Comitê de Ética em Pesquisa, as entrevistas foram iniciadas. Para assegurar o sigilo das informações, cada instrumento recebeu um código de identificação para cada participante, suprimindo nomes e sobrenomes.

Todas as entrevistas foram realizadas individualmente, de forma presencial, nas instituições de acolhimento, mediante agendamento com a coordenação de cada abrigo, e em horários considerados convenientes para os profissionais e instituições. Com a devida autorização, as entrevistas foram gravadas em áudio, permitindo a transcrição fiel das falas e expressões dos participantes. A coleta foi realizada em um município por vez. No “Município Um”, duas psicólogas e cinco cuidadoras foram entrevistadas; no “Município Dois” participaram uma psicóloga e cinco cuidadoras; no “Município Três”, as entrevistas envolveram uma psicóloga e cinco cuidadoras; enquanto no “Município Quatro”, os participantes foram um psicólogo e duas cuidadoras.

Procedimentos de Análise dos Dados

Para análise dos dados, utilizou-se o método de análise de conteúdo proposto por Bardin (1977). Na primeira etapa as entrevistas foram transcritas, e, posteriormente, a leitura minuciosa permitiu a familiarização com os dados, mapeando os temas relevantes para a compreensão da socialização emocional naqueles contextos. A segunda fase envolveu a categorização e a codificação desses temas. Adaptando as definições de “práticas” de socialização emocional propostas por Lins (2018), utilizaram-se duas categorias previamente definidas: “práticas apoiadoras” e “práticas não apoiadoras”. Durante a análise e a organização da codificação, nas pré-categorias (apoiadoras x não apoiadoras), considerou-se a necessidade de incluir uma nova classificação, denominada “práticas distais”. Assim, trabalhou-se com a adaptação de categorias apriorísticas e com a inclusão de uma nova, que emergiu da análise contextualizada dos relatos dos participantes.

A partir da categorização desses três tipos de práticas também foi possível analisar: a) as expressões emocionais/afetivas dos acolhidos, associadas a cada prática (por exemplo, tristeza, alegria, saudade, etc.); e b) as estratégias ou ações específicas dos profissionais relacionadas a cada prática (por exemplo, conversar, perguntar, distrair, ignorar, invalidar, etc.). Ainda foram mapeadas as semelhanças e diferenças nos relatos de cuidadores e psicólogos. As expressões mencionadas por ambos foram consideradas “*convergentes*”, enquanto aquelas mencionadas apenas por um dos grupos foram classificadas como “*divergentes*”.

Finalmente, a terceira fase permitiu aperfeiçoar essa categorização, com a organização de quadros com extratos de fala, bem como as “emoções” e “ações/estratégias” relacionadas a cada prática. A construção de tabelas permitiu destacar as “convergências” e as “divergências”. A apresentação dessa organização dos resultados para um grupo de pesquisa experiente em análise de conteúdo contribuiu para refinar a análise, garantindo validação externa e discussão conjunta em torno dos dados.

Procedimentos Éticos

O Projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (sob o n.º 5.516.861), conforme a Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde. Por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), os participantes foram informados sobre os objetivos, metodologias, justificativas e potenciais riscos e benefícios do estudo. Para garantir sigilo e confidencialidade, os nomes das cidades e das instituições de acolhimento foram omitidos, e os participantes identificados por códigos. Ao final do estudo, foram realizados encontros em cada município para devolutiva dos resultados, que abordaram aspectos relacionados ao processo de socialização das emoções naqueles contextos de acolhimento.

Resultados

A partir da análise das entrevistas, as práticas de socialização emocional foram categorizadas em três grupos: “*apoiadoras*”; “*não apoiadoras*”; e “*distais*”. Consideraram-se “*apoiadoras*” as práticas adotadas pelos profissionais que contribuíram para a vivência, compreensão e enfrentamento das emoções expressadas pelos acolhidos, sendo suporte para a experiência emocional dos acolhidos. As ações e estratégias relacionadas a essas práticas foram diversas, como fazer perguntas (sobre a emoção ou sobre o que estão sentindo), iniciar conversas, explicar, consolar, abraçar, sugerir, aconselhar e acolher. As ações incluíam ouvir o acolhido para que pudessem expressar suas emoções, fossem elas indicativas de vivências prazerosas e confortáveis (por exemplo, alegria) ou expressões que indicavam algum sofrimento ou vivências desconfortáveis (por exemplo, angústia, preocupação ou tristeza).

Foram consideradas “*práticas não apoiadoras*” aquelas que tendiam a evitar, não revelar, não dar importância ou até mesmo suprimir uma determinada manifestação emocional dos acolhidos, contribuindo para a supressão emocional. Mais especificamente, foram consideradas “*práticas não apoiadoras*” aquelas que implicavam em ignorar, minimizar, ironizar, rir, negar, silenciar e invalidar as emoções dos acolhidos. Essas práticas “*não apoiadoras*” não ofereciam suporte nem auxiliavam a criança/adolescente a vivenciar as emoções e a afetividade durante sua manifestação.

Por fim, foram consideradas “*práticas distais*” aquelas utilizadas pelos profissionais que visavam afastar a atenção das expressões emocionais enquanto elas ocorriam, especialmente quando envolviam expressões de desconforto ou sofrimento. Ao adotar uma prática distal, o profissional reconhecia o estado emocional e seu impacto na criança/adolescente, mas assumia uma postura passiva e descentralizadora em relação a essa emoção. Essa postura podia envolver: esperar o tempo passar (com a crença de que o tempo cura ou muda); criar distrações (mudando o foco da atenção) para acalmar ou alterar a emocionalidade; e dar espaço e tempo para que a criança/adolescente pensasse sozinho. Essas práticas não visavam nomear, entender, interpretar ou enfrentar diretamente as emoções/afetos (como nas práticas apoiadoras); tampouco buscavam negá-los, suprimi-los ou ignorá-los (como nas práticas não apoiadoras). Essas práticas desviavam a atenção para outros contextos, descentralizando do profissional o papel de agente de acolhimento e significação destas expressões.

A Tabela 1 apresenta as expressões emocionais-afetivas associadas a cada uma destas práticas de socialização emocional, considerando convergências e divergências entre cuidadores e psicólogos. A Tabela 2 apresenta as estratégias/ações relacionadas a cada prática.

Tabela 1

Expressões emocionais-afetivas: convergências e divergências entre cuidadores e psicólogos

PRÁTICAS DE SOCIALIZAÇÃO EMOCIONAL	EXPRESSÕES RELACIONADAS A CADA PRÁTICA		
	Convergentes (Cuidadores e Psicólogos)	Cuidadores	Psicólogos
Apoiadoras	Tristeza Saudade Raiva/Revolta Ansiedade	Alegria Desânimo Estresse Ciúme	Angústia Culpa Preocupação Medo Ódio Carência
Distais		Raiva/Revolta Tristeza Saudade Estresse	Angústia/Ansiedade
Não apoiadoras		Raiva/Revolta Estresse	Angústia/Ansiedade

Tabela 2

Práticas de socialização emocional: convergências e divergências entre cuidadores e psicólogos

PRÁTICAS	ESTRATÉGIAS/AÇÕES RELACIONADAS A CADA PRÁTICA		
	Convergente (Cuidadores e Psicólogos)	Cuidadores	Psicólogos
Apoiadoras		(17) Conversar/perguntar (11) Estabelecer contato físico	(04) Atender (05) Utilizar técnica
Distais	Dar um tempo (09 cuidadores) (01 psicólogo)	(11) Distrair	
Não apoiadoras		(05) Ignorar (02) Invalidar	(01) Redirecionar

Práticas Apoiadoras

Como mostram as Tabelas 1 e 2, verificou-se que o uso de práticas apoiadoras foi relatado por todos os entrevistados, cuidadoras sociais e psicólogos. As práticas apoiadoras convergentes frequentemente se associaram a expressões emocionais/afetivas de tristeza, saudade, raiva/revolta e ansiedade. Por outro lado, houve divergências. Por exemplo, apenas as cuidadoras empregavam práticas apoiadoras associadas à alegria, desânimo, estresse e ciúmes. Já os psicólogos utilizavam práticas apoiadoras diante de expressões como angústia, culpa, preocupação, medo, ódio e carência.

Dentre as expressões emocionais e afetivas citadas pelos profissionais em relação às práticas apoiadoras, destacaram-se as indicativas de sofrimento e vivências desconfortáveis. A maioria das expressões percebidas, nomeadas e acolhidas pelas profissionais referia-se a emoções negativas. No entanto, práticas apoiadoras relacionadas à “alegria” foram indicadas apenas pelas cuidadoras, que, inclusive, mencionando-as com maior frequência que “ansiedade/angústia”. Por sua vez, os psicólogos não destacaram nenhuma expressão positiva, tampouco relacionadas às práticas apoiadoras.

Quanto às estratégias que compunham as práticas apoiadoras (Tabela 2), estas foram todas divergentes, com destaque para “conversar/perguntar” e “estabelecer contato físico” adotadas pelas cuidadoras sociais; e “atender” e “utilizar técnica” adotadas pelas psicólogas. Enquanto as cuidadoras mencionaram práticas relacionadas a “conversar/perguntar”, os psicólogos

indicaram em suas práticas o “atender”. Ambas as estratégias envolvem o diálogo, mas diferem na forma como foram conduzidas: as cuidadoras, em sua maioria, conversavam no cotidiano do cuidado, tentando compreender a situação; já os psicólogos tinham uma abordagem técnica voltada para o atendimento psicológico, que visavam, por exemplo, promover com o acolhido compreensão e reflexão sobre o que ele estava sentindo.

As práticas apoiadoras das cuidadoras sociais, incluindo “conversar/perguntar” e “estabelecer contato físico”, foram particularmente significativas em suas narrativas, sendo as mais utilizadas frente às expressões de tristeza e saudade. Para lidar com a saudade, essas estratégias incluíam ouvir, confortar, acalmar, ir até a cama, passar a mão na cabeça até dormir: (...) a gente ouve! Primeiro ouve o que eles têm a dizer. E vê se busca a melhor forma de ajudar, ou falar uma palavra de conforto, ou um abraço. Porque sentem saudade! E o que eles estão sentindo falta no momento é de um carinho (...). (08, M)

Para lidar com a tristeza, as estratégias envolviam ações como dar atenção, acolher, compreender o que estava acontecendo e promover espaços de diálogo. Isso se dava por meio de perguntas, explicações e compartilhamento de experiências pessoais (dando exemplos de situações enfrentadas em sua própria vida). O objetivo era aproximar o acolhido da cuidadora social. A estratégia “estabelecer contato físico” incluiu gestos como beijar, abraçar, pegar no colo, expressar amor, chorar junto, aconselhar e oferecer ajuda. Alguns relatos exemplificam essas práticas: “(...) *Eu abraço. Às vezes até choro junto. Fica uma tristeza... Aí depois pergunto o quê que foi? Quer me contar? Quer falar? (...).*” (12, C); “(...) *Tento acolher ela, né? Cuidar.... Abraçar... Conversar... Tentar saber o porquê, e ajudar (...).*” (16, J); “(...) *a gente explica, né? Que essa tristeza que ela está sentindo é por causa disso e disso. Mas que vai melhorar... E então vem a alegria (...).*” (10, M). Ainda em relação à expressão “tristeza”, duas cuidadoras mencionaram o uso do desenho como recurso estratégico. Essa prática de apoio foi descrita como uma forma de abordar e explicar a “tristeza”, envolvendo a criação de desenhos com os acolhidos e complementando a estratégia de “conversar/perguntar”, viabilizando o diálogo e a escuta.

Quanto aos resultados apresentados pelos psicólogos, as práticas apoiadoras mais expressivas, mencionadas por todos, foram “atender” e “utilizar técnica”. A estratégia “atender” esteve associada ao atendimento individual e em grupo, envolvendo diálogo (conversar e perguntar) para estabelecer vínculos com os acolhidos, além de escuta e postura acolhedora nos atendimentos e nas relações cotidianas no abrigo: “(...) *Raiva é uma que trazem muito nos atendimentos e nas situações que acontecem no abrigo. Aí quando a gente senta nos atendimentos pra conversar sobre, costume perguntar das emoções, dos sentimentos (...).*” (01, PM); “(...) *a gente tem que acolher e ouvir tudo que ... trazem pra gente. Pra poder entender o que estão passando, o que estão sentindo e, daí, orientar. Maioria que chega não sabe dar nome aos sentimentos (...).*” (03, PM).

Por meio da estratégia “atender”, os psicólogos buscavam compreender a história de vida dos acolhidos; e adotavam uma postura profissional que transformava o atendimento em um espaço para explicar, orientar, refletir, compreender e lidar com as emoções e sentimentos: “(...) *Tento por meio do diálogo conversar, explicar, né? O que é... o que está acontecendo. Fazer que expressem de alguma maneira o que estão sentindo, porque estão sentindo, refletirem sobre esses sentimentos (...).*” (02, PM). Além disso, a estratégia “atender” auxiliava no aprendizado emocional dos acolhidos, sendo considerada importante para promover o conhecimento sobre as emoções. Todos os participantes mencionaram que buscavam auxiliar os acolhidos a identificar, entender, nomear e reconhecer suas emoções.

A estratégia “utilizar técnica” envolvia recursos lúdicos e reflexivos, como construção de linha do tempo, confecção de cartazes temáticos, contação de histórias, discussão de casos, construção do caminho emocional, escrita em diário/caderno, desenho, jogos, brincadeiras, jogos digitais e exercícios de respiração. Em todas as práticas apoiadoras desenvolvidas com essa estratégia, o objetivo era trabalhar as emoções, sentimentos e afetos. Foram abordadas vivências dos acolhidos, incluindo temas como chegar/estar/sair do abrigo, processo de adoção, namoro/sexualidade, família/visita, violação de direitos, escola, como exemplificado: “(...) *É mais por meio assim de conversar. Aí eu conto alguma história ou a gente tenta conversar sobre essas questões (...). Geralmente faço dessa forma uma conversa, ou com alguma história de algum livro (...).*” (05, PM).

As práticas apoiadoras foram mais expressivas entre as cuidadoras em momentos como a chegada da criança/adolescente ao abrigo, em situações que remetiam à saudade da família, e em situações relacionadas à visita familiar. Esses momentos se relacionavam à ausência da família (por exemplo, no dia de visitas) ou à falta de autorização judicial para a presença da família em visitas ao abrigo. Já os psicólogos indicaram o emprego de práticas apoiadoras diante do desejo dos acolhidos de deixar o abrigo e retornar à família, abordando a necessidade do acolhido compreender o motivo de estar em acolhimento e a ausência de contato familiar. Também mencionaram o uso de práticas apoiadoras em situações de desligamento, seja pela reintegração familiar ou adoção.

Práticas Distais

Ao contrário das práticas apoiadoras, que foram mencionadas por todos os participantes, as práticas distais foram referidas por um número menor de profissionais: 12 cuidadoras e apenas um psicólogo as citou, e não houve convergência

entre cuidadores e psicólogos quanto às expressões emocionais e afetivas associadas a essas práticas. Enquanto as cuidadoras adotavam práticas distais ao lidar com expressões de raiva/revolta, tristeza, saudade e estresse, o profissional da psicologia relatou seu uso diante de ansiedade e angústia. Assim, mais uma vez, observou-se a predominância das emoções negativas como mobilizadoras de práticas de acolhimento e suporte emocional.

Com relação às estratégias que caracterizavam as práticas distais, a Tabela 2 mostra que a única convergente foi “dar um tempo”, referida por ambas as categorias profissionais: oito cuidadoras mencionaram “dar um tempo” no manejo de emoções como tristeza, raiva/revolta e saudade; e um profissional da psicologia mencionou “dar um tempo” como estratégia para lidar com emoções de angústia/ansiedade. Já a estratégia “distrair” foi citada exclusivamente pelas cuidadoras, sendo a mais citada por 10 delas.

Diante de expressões de “tristeza”, as cuidadoras enfatizaram a estratégia “distrair os acolhidos”, visando ajudá-los a esquecer as situações que os deixavam tristes. Para “distrair” (redirecionar a atenção do acolhido para outra emoção), as cuidadoras destacaram o brincar como alternativa relevante: “(...) *na hora que tá triste, a gente pega um joguinho, um brinquedo pra poder tirar daquela situação. Um dominó ou até mesmo um baralho. Aí, com o tempo, eles vão esquecendo aquilo, né? (...).*” (01, N). Diversas atividades e brincadeiras foram mencionadas nas falas das cuidadoras. Algumas brincavam com os acolhidos, enquanto outras os incentivavam a brincar sozinhos ou entre eles. Todas essas práticas foram associadas às expressões de tristeza, saudade, raiva/revolta e estresse. O diálogo também foi utilizado como estratégia para “distrair”, por exemplo, conversando com o acolhido no momento da chegada ao abrigo, abordando a oportunidade de conhecer novos amigos ou com a sugestão de tomar um banho para vestir uma roupa bonita, entre outros.

Quanto à estratégia “dar um tempo”, as cuidadoras destacaram que esse intervalo permitia aos acolhidos ficarem sozinhos, acalmarem-se e compreenderem suas emoções. Areladas a essa estratégia, foram identificadas outras atitudes como observação atenta, presença discreta à distância dos acolhidos, e disposição para conversar quando solicitadas. Uma cuidadora compartilhou:

(...) vejo num cantinho, vou atrás pra saber. Quer falar? Aí balança a cabeça que não quer. Eu só falo assim, estou aqui, quando quiser, no seu momento, na hora certa, você me procura. Esse momento nunca chega. Porque geralmente sente é saudade (...). (14, C)

Outra cuidadora reconheceu as expressões dos acolhidos e optou por descentralizar o foco da emoção/afetividade, dando-lhes um tempo”: “(...) *A raiva? A revolta... é porque eles querem quebrar as coisas (...). E aí tem que tá dando uma pausinha, entendeu? Deixar eles terem o tempinho deles também (...).*” (12, C).

No caso do profissional da psicologia, a prática distal foi utilizada durante um atendimento em que uma acolhida expressou “angústia/ansiedade” e o desejo de se machucar, especificamente de se cortar. Diante da complexidade desse momento e dos desafios de lidar com a emoção exposta, o profissional ponderou sobre a abordagem a ser adotada. Ele relatou que, embora compreendesse a expressão emocional e afetiva da adolescente, optou por manter-se em silêncio e aguardar que a vontade dela passasse. Em suas próprias palavras:

(...) *já teve momentos que teve crise da adolescente querer se cortar no meio do atendimento! Como a gente vai lidar com isso ao vivo? Então é dar o espaço daquele momento, de ficar em silêncio, porque não tem o que ser feito, né? No momento em que é esperar um pouco a vontade passar, né? (...).* (01, PM)

A partir destes relatos, percebe-se que as práticas distais foram utilizadas pelas cuidadoras diante de emoções relacionadas à saudade das famílias e do convívio comunitário antes do acolhimento. Essas práticas também emergiram em questões associadas a regras e limites, especialmente quando confrontavam preferências dos acolhidos quanto ao horário de dormir, higiene pessoal, proibição de permanecer na rua à noite, entre outros aspectos. Em relação ao profissional da psicologia, observou-se o uso de prática distal em contexto relacionado à saúde mental, durante o atendimento de um acolhido em caso de autolesão.

Práticas Não Apoiadoras

As práticas não apoiadoras foram menos recorrentes nas falas dos entrevistados. Apenas um profissional da psicologia mencionou o uso de estratégia considerada não apoiadora. Também não se observou convergências entre cuidadoras e psicólogos em relação a essas práticas. Enquanto as cuidadoras adotavam práticas não apoiadoras ao lidar com expressões de “raiva/revolta” e “estresse”, o profissional da psicologia as utilizava diante de “angústia/ansiedade”. As cuidadoras relataram principalmente ações como “ignorar” e “invalidar”, enquanto o psicólogo mencionou a tentativa de “redirecionar”.

A estratégia “ignorar” foi mencionada por quatro cuidadoras sociais. Essa prática era adotada sempre que se deparavam com a expressão de “raiva/revolta” por parte dos acolhidos. Dentre as ações que a caracterizavam, estavam: deixar sozinho, fingir que não estavam vendo o acolhido, silenciar-se (não falar), desprezar, “deixar para lá”, não dar atenção, afastar-se. A seguir, dois relatos exemplificam como essas práticas eram aplicadas pelas cuidadoras sociais: “(...) *Quando vejo que ela*

tá com raiva, deixo ela sozinha, deixo ela pensando (...). (02, N); *“(...) às vezes tento ignorar. Finjo que não estou vendo. Eu me silencio. Deixo olhando, eu fico no meu silêncio, entendeu?(...) enfim, eu acho que aí... quando eu me silencio... eles voltam até mim. Tia, desculpa (...).”* (04, N).

Já a estratégia “invalidar” foi citada por duas cuidadoras sociais, relacionando-se às expressões de “raiva/revolta” e “estresse”. Essa prática caracterizava-se pela afirmação de que o acolhido não deveria sentir determinada emoção/sentimento/afeto. Quando os acolhidos expressavam emoções como raiva e estresse, as cuidadoras sociais indicavam que não deveriam permitir que os acolhidos sentissem essas emoções, manifestando uma proibição e/ou ao controle sobre o que deveriam ou não sentir: *“(...) É a gente sente, fala que não, que não pode... dependendo o que foi, que levou ela a estar estressada... a gente fala que não pode. Não pode ficar assim, né? Estressada (...).”* (01, N).

A prática não apoiadora do psicólogo consistiu na tentativa de “redirecionar” para outro profissional o acompanhamento dos acolhidos que buscavam ajuda para lidar com questões emocionais e afetivas. O profissional entendia que a responsabilidade de lidar com questões emocionais dos acolhidos, incluindo a identificação, nomeação e reconhecimento de suas emoções, pertencia aos psicólogos que atuam na área da saúde, e não àqueles que atuam na área de assistência social: *“(...) eu não faço um acompanhamento. Quando a gente identifica essa necessidade, normalmente encaminha, né? Pra saúde (...).”* (04, PM).

Por fim, os eventos apontados pelas cuidadoras, nos quais eram utilizadas práticas não apoiadoras, relacionavam-se com momentos em que o acolhido era contrariado ou não obtinha aquilo que desejava, como, por exemplo: ao querer assistir televisão no horário de estudo; querer retornar para a família no momento de chegada ao abrigo; ter que aguardar a decisão judicial para receber visita familiar, entre outros. Assim, para o psicólogo, a prática não apoiadora esteve associada à percepção do profissional sobre sua função, considerando que não lhe cabia desenvolver estratégias de apoio no processo de compreensão emocional do acolhido, sendo esta a função do psicólogo que atua na área da saúde ou clínica.

Discussão

No relato das cuidadoras e psicólogos, destacou-se a tristeza, a saudade, a raiva/revolta e a ansiedade como expressões emocionais predominantes das crianças e adolescentes em acolhimento. Assim, observou-se a predominância de sentimentos indicativos de sofrimentos, traumas e desconfortos, levando à necessidade de manejo e acolhimento destas expressões afetivas. Este é um resultado recorrente na literatura científica, relacionado tanto às vivências prévias à institucionalização – como negligências, violências, rupturas, traumas, abandonos e exposição a diversos outros fatores de risco e vulnerabilidade social – quanto aos impactos da institucionalização nos processos de desenvolvimento (Moura et al., 2022).

Como afirmam Rodrigues e Prebianchi (2021), a chegada da criança/adolescente na instituição de acolhimento acarreta uma série de mudanças significativas em suas vidas, e mobiliza diversos estressores, seja pela insegurança decorrente da separação da família, pela necessidade de construção de novas relações no próprio acolhimento, na nova escola, ou pelo peso social do abrigamento. Tudo isso desencadeia no acolhido uma sensação de ameaça e perda da suposta fonte de proteção, com riscos a sua saúde física e mental (Rocha et al., 2023). Portanto, as crianças/adolescentes acolhidos estão intensamente vulneráveis ao estresse infantil, expostos ao medo, à irritação ou até à excitação e entusiasmo, mas, de qualquer forma, ainda precisando enfrentar profundamente a adaptação a uma nova situação, muitas vezes com falta de repertório e estratégias desenvolvidas para lidarem com essa variabilidade de sentimentos (Rodrigues & Prebianchi, 2021).

Por isso, a promoção da resiliência emocional é tão importante de se trabalhar nesse contexto, com o fortalecimento de atividades que mobilizem sentimentos de confiança, segurança, autoestima, autoeficácia, autonomia e criatividade; bem como com a ativação de fatores de proteção, relações de apoio e ações de motivação, visando reduzir reações negativas e o impacto do estresse (Conzatti & Mosmann, 2015; Rocha et al., 2023). Deve-se romper com o foco tradicional de acolhimento apenas do sofrimento, possibilitando uma valorização da promoção das emoções positivas, de alegria, satisfação e bem-estar, para a saúde e qualidade de vida (Conzatti & Mosmann, 2015; Moreira et al., 2021).

Entretanto, chama a atenção, no presente estudo, que nenhum dos profissionais da psicologia mencionou a atuação frente às emoções positivas. Essa invisibilidade pode estar relacionada a um processo histórico de formação em psicologia, tradicionalmente focada nos aspectos “anormais”, nas patologias, nos “desvios” e nos transtornos (Paludo & Koller, 2007). Assim, o desafio de equilibrar a atenção entre os aspectos saudáveis e promotores do bem-estar e os sofrimentos ligados aos traumas não é apenas do acolhimento institucional, mas um desafio para a própria ciência psicológica e formação profissional em psicologia (Paludo & Koller, 2007). Repensar a formação e a prática é fundamental para que os profissionais estejam preparados não apenas para lidar com as vivências decorrentes do trauma, mas também para fortalecer um ambiente de cuidado que favoreça o desenvolvimento socioemocional e experiências afetivas positivas (Guerra & Prette, 2020).

Além disso, é fundamental o papel das políticas públicas na melhoria das condições de trabalho no acolhimento institucional. A sobrecarga de trabalho voltada aos cuidados físicos, emergências e problemas, como apontado em diversos estudos da área (Czelusniak et al., 2023), pode restringir as oportunidades de fortalecimento das potencialidades e competências socioemocionais (como esperança, empatia, felicidade).

Nessa mesma linha, mostra-se especialmente relevante fortalecer a promoção das práticas apoiadoras das emoções, de modo que os profissionais dos serviços de acolhimento possam oferecer suporte emocional para o enfrentamento de estressores, auxiliando a criança a identificar suas emoções e sentimentos; estimulando e validando suas expressões emocionais; e promovendo suas capacidades de reconhecer, lidar e enfrentar as situações adversas. Como mostra o estudo de Curvello (2021) e Lins (2018), as práticas apoiadoras favorecem mecanismos de regulação emocional (Curvello, 2021) e contribuem para o bem-estar emocional e afetivo.

No presente estudo, as práticas apoiadoras revelaram-se fundamentais para promover o envolvimento emocional entre os profissionais entrevistados e os acolhidos, oferecendo suporte e atenção às crianças e aos adolescentes em situação de vulnerabilidade. Todos os cuidadores e psicólogos das instituições de acolhimento mencionaram que buscam auxiliar os acolhidos a identificar, entender, nomear e reconhecer suas emoções. O uso de estratégias centradas no diálogo (como “conversar/perguntar” para as cuidadoras e “atender” para os psicólogos) emergiu como um recurso crucial para auxiliá-los na compreensão e enfrentamento de uma variedade de emoções (incluindo tristeza, raiva, alegria e ansiedade).

O uso do diálogo e da escuta ativa possibilitou aos profissionais identificar as circunstâncias das emoções manifestadas, permitindo-lhes oferecer orientação e suporte aos acolhidos. Complementarmente, o “contato físico”, expresso por meio de gestos como abraços e beijos, desempenhou papel significativo na promoção do conforto, carinho e presença física. Portanto, no presente estudo, as práticas apoiadoras mostraram-se essenciais para criar um ambiente seguro e acolhedor, viabilizando condições favoráveis para a expressão e compreensão das emoções. Resultado semelhante foi encontrado na pesquisa de Kappler (2021), na qual as educadoras sociais também relataram trabalhar as emoções com crianças através do diálogo, escuta e orientação sobre estados afetivos. Entretanto, nesta mesma investigação, as análises observacionais destacaram maior ocorrência de apoio relacionado aos cuidados básicos (alimentação, higiene e vestuário), tendo as ações relacionadas às competências socioafetivas representando apenas 15% das práticas observadas. No estudo de Czelusniak et al. (2023), observou-se uma centralização das ações de acolhimento em torno dos cuidados físicos, com insegurança por parte das cuidadoras nas respostas às demandas emocionais das crianças, que delegavam à equipe técnica as ações de suporte e cuidados emocionais.

Frete a esses dados, evidencia-se o contraponto: apesar da importância das práticas apoiadoras identificadas no presente estudo, envolvendo diálogo, escuta ativa e contato físico, não se pode perder de vista os desafios e limitações do cotidiano institucional, marcados por conhecidas fragilidades das políticas sociais (como alta demanda de atendimento, número reduzido de funcionários, falta de capacitação adequada, alta rotatividade, baixos salários e dificuldade na oferta de um atendimento individualizado) (Czelusniak et al., 2023; Moura et al., 2022). Essas fragilidades evidenciam a necessidade de investimentos em estudos, políticas públicas e programas que viabilizem um ambiente de cuidado e proteção capaz de ofertar suporte emocional consistente e vínculos com continuidade, contribuindo para a promoção do desenvolvimento socioemocional dos acolhidos.

Em comparação às práticas apoiadoras, no presente estudo, as práticas não apoiadoras foram mencionadas com menor frequência, tanto por cuidadoras sociais quanto por psicólogos, reforçando o quanto os profissionais buscavam atividades que proporcionavam suporte, atenção e escuta, visando o bem-estar emocional da criança e do adolescente. Mesmo assim, as práticas não apoiadoras, envolvendo ações como “ignorar”, “invalidar” e “redirecionar”, revelaram-se abordagens que, em vez de apoiar a expressão e a vivência das emoções, tendiam a minimizar, ignorar, invalidar ou até mesmo punir essas emoções.

A estratégia “ignorar”, relatada pelas cuidadoras sociais, foi destacada como uma prática adotada principalmente em resposta à expressão de raiva ou revolta dos acolhidos. Isso envolveu deixar os acolhidos sozinhos, fingir que não estavam vendo, não dar atenção ou até mesmo desprezar os acolhidos enquanto manifestavam essas emoções. Conforme discutido por Lins (2018), o uso dessa estratégia pode levar os acolhidos a se sentirem rejeitados ou não ouvidos, podendo piorar seu estado emocional. Já a estratégia “invalidar”, também relatada pelas cuidadoras sociais, envolveu dizer aos acolhidos que não deveriam sentir determinadas emoções, como raiva e estresse. Mais uma vez, estratégias desse tipo negam a validade das emoções de crianças e adolescentes, o que pode levar à sensação de culpa por sentirem o que sentem. Em vez de oferecer apoio e compreensão, essa estratégia pode aumentar o estresse emocional dos acolhidos (Lins, 2018) e pode ter implicações significativas para o bem-estar emocional destas crianças e adolescentes, pois não lhes permite expressar e processar suas emoções de maneira saudável (Curvello, 2021).

No entremeio das práticas apoiadoras às práticas não apoiadoras, emergiu, no presente estudo, a categoria denominada “práticas distais”, ancoradas na compreensão comum das profissionais de que *o tempo* e *o espaço* são recursos adotados frente a determinadas emoções dos acolhidos. Especificamente no caso das cuidadoras, as práticas distais envolveram as estratégias “distrair” e “dar um tempo”. O “distrair” consistiu em redirecionar o foco da atenção, oferecendo atividades alternativas que auxiliassem os acolhidos a lidar de forma mais leve com as emoções. Essa estratégia incluía brincadeiras, jogos, saídas/passeios e outras formas de entretenimento, funcionando como “pausas” temporárias das emoções negativas. Já a estratégia “dar um tempo” foi aplicada pelas cuidadoras para manter um apoio à distância, uma presença discreta, permitindo que os acolhidos tivessem seu espaço e tempo para processar suas emoções, respeitando seu desejo temporário de se isolamento.

Observa-se, nesses casos, que as práticas distais envolveram sensibilidade ao reconhecer que cada acolhido tem diferentes maneiras de lidar com as emoções e pode precisar de tempo e espaço para encontrar sua própria forma de manejá-las. Portanto, as cuidadoras sociais indicavam sensibilidade em relação às necessidades emocionais individuais dos acolhidos em suas práticas distais. Mas é importante estar atento ao uso excessivo e à condução dessa estratégia. Isso porque, embora as práticas distais possam contribuir para lidar com as emoções em certas circunstâncias, seu uso excessivo pode restringir as oportunidades de compreender e auxiliar os acolhidos no reconhecimento e enfrentamento mais eficaz as emoções. Em alguns casos, essa estratégia pode até potencializar uma emoção negativa durante os momentos em que é “dado um tempo” ao acolhido.

No estudo de Kappler (2021), o caráter temporário das emoções também foi mencionado com frequência pelas educadoras sociais, que reforçavam aos acolhidos que “aquela situação vai passar”, de forma que as ações de “distrair” foram categorizadas como “deslocamento da atenção” para outras atividades. Os cuidadores relacionavam essas ações e estratégias com a insegurança ao lidar com as emoções como tristeza, além de ser a única opção que encontravam para tentar ajudar, afirmando que o desconhecimento da história da criança também era um fator dificultador nestas situações. Para Kappler (2021), “deslocar a atenção da criança quando a mesma está com dificuldade para compreender o que está sentindo pode levá-la a acreditar que suas emoções não devem ter (ou não têm) importância para os outros (...) e para si mesmo” (p. 124). Na mesma linha, no estudo de Lins (2018), as práticas relacionadas a ações como “distrair” e “dar um tempo” foram consideradas práticas não apoiadoras.

Dentre os participantes, somente um profissional da psicologia indicou o uso da prática distal, também pela estratégia “dar um tempo”. Esse caso envolveu uma situação em que o acolhido expressou o desejo de se machucar, se cortar. Dada a gravidade da emoção e do comportamento expressos, mostra-se necessário ter cautela ao oferecer tempo e espaço, analisando em quais situações esta prática acaba favorecendo uma situação de maior risco e vulnerabilidade. Vivências como essa, relacionadas a casos de autolesão, têm sido uma queixa recorrente e crescente das instituições que atendem esse público. Como discutem Silva et al. (2022), são eventos perturbadores para os profissionais envolvidos, para os familiares e, sobretudo, para as próprias crianças e adolescentes. Em situações envolvendo risco de autolesão, é necessário buscar alternativas para tornar o sofrimento emocional mais tolerável. Dentre as ações possíveis, deve-se oferecer ou ampliar as estratégias que favoreçam a capacidade de lidar com a frustração, diminuindo a pressão e a tensão causadas por eventos estressores (Silva et al., 2022). Nestes casos, estratégias que implicam distanciamento podem potencializar sentimentos de indiferença, solidão e isolamento.

Em suma, todos os resultados apontam para a necessidade de maior sensibilização e treinamento dos profissionais para lidar de forma eficaz com questões emocionais e afetivas dos acolhidos, sublinhando a importância de abordagens sensíveis e voltadas para o apoio emocional no cuidado dessas crianças, respeitando suas necessidades emocionais e contribuindo para seu bem-estar geral, assim como discute Kappler (2021). Destaca-se, portanto, a importância da formação adequada e do apoio emocional para os profissionais que trabalham com crianças e adolescentes em acolhimento, pois, como afirmam Pozzobon et al. (2023), é necessário que eles tenham ferramentas para lidar com as emoções de maneira sensível e construtiva.

Aliado à formação e à capacitação, o processo de seleção dos profissionais que atuam no acolhimento também deve ser criterioso. Como descrevem Furtado et al. (2019), por se tratar de um trabalho de alta complexidade, recomenda-se que esses profissionais possuam mais do que experiência no atendimento de crianças e cuidados básicos, devendo-se avaliar também suas habilidades socioemocionais, como empatia, tolerância, paciência, disponibilidade afetiva, capacidade de lidar com conflitos e separações, escuta ativa e regulação emocional. Estudos como o de Lewis et al. (2022) demonstram que a qualidade do cuidado estabelecido com os acolhidos está diretamente relacionada ao perfil dos profissionais, considerando suas competências interpessoais e a capacidade de estabelecer vínculos afetivos. Assim, fortalecer tanto a formação quanto a seleção dos profissionais pode contribuir para a qualificação dos serviços de acolhimento e o desenvolvimento afetivo dos acolhidos.

Considerações Finais

No presente estudo, foram descritos processos de socialização emocional em instituições de acolhimento infantil, a partir da perspectiva de cuidadores sociais e psicólogos. Dentre os principais resultados, destaca-se o uso de práticas apoiadoras com estratégias centradas no diálogo, buscando proporcionar aos acolhidos compreensão e reflexão sobre seus sentimentos e, principalmente, oferecer conforto emocional. Estas práticas se revelaram fundamentais para o suporte, atenção e envolvimento emocional com os acolhidos. Nesse sentido, discutiu-se a importância de as instituições de acolhimento oferecerem apoio emocional às crianças e adolescentes, ajudando-as a identificar, expressar e lidar com suas emoções, contribuindo para a regulação emocional, enfrentamento do estresse e promoção do bem-estar afetivo.

Também foram identificadas práticas não apoiadoras, bem como inseguranças dos profissionais no manejo das emoções e o não reconhecimento do seu papel como agentes neste processo. Nesse sentido, destaca-se a relevância de investimentos em espaços de formação que proporcionem sensibilização, treinamento e formação adequada aos profissionais, para o apoio emocional e promoção das competências socioemocionais em contextos de acolhimento.

Dentre as limitações do estudo, considera-se o fato de que as práticas de socialização emocional foram analisadas a partir do autorrelato, não sendo incluídos dados observacionais, em contexto naturalístico. A observação direta poderia oferecer uma compreensão ampliada da dinâmica interativa e das práticas adotadas frente às emoções. Além disso, o estudo poderia se beneficiar da análise das percepções de outros profissionais (como as assistentes sociais e as coordenações das instituições) e, em especial, da perspectiva das crianças e dos adolescentes. Em estudos futuros também seria importante analisar mais amplamente as práticas distais e os impactos das estratégias “dar um tempo” e “distrair”. Entretanto, considera-se que a pesquisa contribuiu para discutir importantes indicadores do cuidado com crianças acolhidas e da promoção de seu desenvolvimento, bem-estar e saúde mental. Para além disso, o estudo contribuiu para a aplicação do arcabouço teórico do conceito “socialização emocional”, ampliando o conhecimento na área e destacando esse processo em um contexto específico de socialização: o ambiente de cuidado coletivo e institucional.

Referências

- Bardin, L. (1977). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Batki, A. (2018). The impact of early institutional care on emotion regulation: Studying the play narratives of post-institutionalized and early adopted children. *Early Child Development and Care*, 188(12), 1799–1813. <https://doi.org/10.1080/03004430.2017.1289190>
- Cavalcante, L. I. C., & Cruz, D. A. (2018). Acolhimento institucional de crianças: Qualidade do ambiente e desenvolvimento. In L. I. C. Cavalcante, C. M. C. Magalhães, L. Correa, E. F. Costa, & D. A. Cruz (Orgs.), *Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: Teorias e evidências científicas para boas práticas* (pp. 19-36). Juruá.
- Chinn, L. K., Ovchinnikova, I., Sukmanova, A. A., Davydova, A. O., & Grigorenko, E. L. (2021). Early institutionalized care disrupts the development of emotion processing in prosody. *Development and Psychopathology*, 33(2), 421-430. <https://doi.org/10.1017/S0954579420002023>
- Conzatti, R., & Mosmann, C. (2015). Resiliência em crianças acolhidas: Suas percepções sobre as adversidades. *Psicologia em Revista*, 21(2), 352-378. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v21n2/v21n2a09.pdf>
- Curvello, R. P. (2021). *Estratégias de regulação emocional de mães e pais em relação a seus filhos* [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ. https://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_77072f8ee60732abc9596a6434abb23
- Czelusniak, C. B., Moré, C. L. O. O., Santos, K. G., & Krenkel, G. (2023). Implicações da prática profissional no acolhimento institucional de crianças: Perspectiva de cuidadoras. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 43, 1-15. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003251630>
- Fortes, A. B., Tractenberg, S., & Lisboa, C. S. M. (2022). A regulação emocional como moderadora da relação entre afeto positivo e negativo e bem-estar psicológico. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 22(1), 342-359. <https://doi.org/10.12957/epp.2022.66488>
- Fries, A. B. W., & Pollak, S. D. (2004). Emotion understanding in postinstitutionalized eastern european children. *Development and Psychopathology*, 16(2), 355-369. <https://doi.org/10.1017/s0954579404044554>
- Furtado, M. P., Magalhães, C. M., Silva, A. D., & Santos, J. O. (2019). Profissionais do acolhimento institucional: A atuação perante a chegada de uma criança. *Mudanças: Psicologia da Saúde*, 27(1), 11-20. <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/muda/v27n1/v27n1a02.pdf>
- Guerra, L. L. L., & Prette, Z. A. P. D. (2020). Habilidades sociais e problemas de comportamento de crianças sob acolhimento institucional. *Psico-USF*, 25(2), 273–284. <https://doi.org/10.1590/1413-82712020250206>
- Kappler, S. R. (2021). *Competência socioafetiva de crianças e crenças e práticas de educadores sociais em instituições de acolhimento* [Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ. <https://bdtd.ibict.br/vufind/Author/Home?author=Kappler%2C+Stella+Rabello>

- Kappler, S. R., & Mendes, D. M. L. F. (2019). Trocas afetivas de crianças em acolhimento institucional. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39, 1-13. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003184527>
- Lewis, E. M., Murugan, V., Williams, K. A., Barth, R. P., & Lee, B. R. (2022). Relationships matter: Exploring the implementation of the quality parenting initiative and the foster parent experience. *Child & Family Social Work*, 27(4), 1-11. <https://doi.org/10.1111/cfs.12908>
- Lins, T. C. S. (2018). *O impacto das práticas de socialização emocional sobre os problemas internalizantes na infância* [Tese de Doutorado, Universidade Federal da Bahia]. Repositório Institucional da UFBA. <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26734>
- Mendes, D. M. L. F. (2018). Socialização da emoção no desenvolvimento infantil. In L. F. Pessoa, D. M. L. F. Mendes, & M. L. S. Moura (Orgs.), *Parentalidade: Diferentes perspectivas, evidências e experiências* (pp. 81-102). Appris.
- Mendes, D. M. L. F., & Kappler, S. R. (2018). Afetividade e socialização da emoção no contexto de acolhimento institucional: Os educadores sociais como agentes no desenvolvimento emocional infantil. In L. I. C. Cavalcante, C. M. C. Magalhães, L. S. Correa, E. F. Costa, D. A. Cruz (Orgs.), *Acolhimento institucional de crianças e adolescentes: Teorias e evidências científicas para boas práticas* (pp. 221-236). Juruá.
- Moreira, A. L., Yunes, M. A. M., Nascimento, C. R. R., & Bedin, L. M. (2021). Childrens subjective well-being, peer relationships and resilience: An integrative literature review. *Child Indicators Research*, 14, 1723-1742. <https://link.springer.com/article/10.1007/s12187-021-09843-y>
- Moura, G. G., Amorim, K. S., & Rossetti-Ferreira, M. C. T. (2022). “Quem não pega, não se apega”: Interações e vínculos com bebês acolhidos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 38, 1-11. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e38322.pt>
- Paludo, S. S., & Koller, S. H. (2007). Psicologia positiva: Uma nova abordagem para antigas questões. *Paidéia*, 17(36), 9-20. <https://doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100002>
- Pozzobon, K. M., Brondani, R. P., & Zappe, J. G. (2023). O psicólogo em instituições de acolhimento de crianças e adolescentes: Possibilidades cotidianas de atuação multidisciplinar. *Cadernos de comunicação*, 27(1), 1-11. <https://periodicos.ufsm.br/ccomunicacao/article/view/76667/61459>
- Resolução nº 466, de 13 de dezembro de 2012. (2012, 13 de dezembro). Aprova as seguintes diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos; Revoga as (RES. 196/96); (RES. 303/00); (RES. 404/08). Conselho Nacional de Saúde. <https://www.gov.br/conselho-nacional-de-saude/pt-br/atos-normativos/resolucoes/2012/resolucao-no-466.pdf/view>
- Rocha, A. S., Queiroz, N. M., Mendes, R. C., Pereira, J. S., Fernandes, L. C. C., Cazemiro, J. E. P., & Rocha, W. S. (2023). As estratégias de proteção psicossocial de jovens em situação de vulnerabilidade social. *Revista Contemporânea*, 3(11), 2447-0961. <https://doi.org/10.56083/RCV3N11-136>
- Rodrigues, L. H. F., & Prebianchi, H. B. (2021). Estresse e estratégias de enfrentamento em crianças e adolescentes em acolhimento institucional em casas lares. *Psicologia: Ciência e profissão*, 41(3), 1-17. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003192765>
- Rossetti-Ferreira, M. C., Amorim, K. S., & Silva, A. P. S. (2004). Rede de significações: Alguns conceitos básicos. In M. C. Rossetti-Ferreira, K. S. Amorim, A. P. S. Silva, & A. M. A. Carvalho (Orgs.), *A rede de significações e o estudo do desenvolvimento humano* (pp. 23-33). Artmed.
- Silva, A. C., Santos, J. C. P., & Vedana, K. G. G. (2022). *Autolesão não suicida: Assistência e promoção de saúde mental*. Centro de Apoio Editorial da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. http://conteudosdigitais.eerp.usp.br/ebooks/Autolesao_nao_suicida_assistencia_e_promocao_de_saude_mental.pdf

- Silva, C. D. L., Denardi, R. C., Becker, A. P. S., & Delvan, J. S. (2015). A Psicologia nos serviços de acolhimento institucional e o fortalecimento de vínculos familiares e comunitários. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*. 10(1), 55-65. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000100005&lng=pt&tlng=pt
- Vazzoler, F. F. (2023). *Percepções e práticas de socialização emocional na perspectiva de cuidadores e psicólogos de instituição de acolhimento infantil* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Espírito Santo]. Repositório da UFES. <https://dspace4.ufes.br/items/f6ae28d6-2495-492f-9fc7-b46f0259fa1c>
- Yunes, M. A. M., Miranda, A. T., & Guello, S. E. S. (2004). Um olhar ecológico para os riscos e as oportunidades de desenvolvimento de crianças e adolescentes institucionalizados. In S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 201-222). Casa do psicólogo.

Como citar:

Moura, G. G., Vazzoler, F. F., & Nascimento, C. R. R. (2025). Práticas de Socialização Emocional em Instituições de Acolhimento para Crianças e Adolescentes. *Revista Subjetividades*, 25(3), e15162. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i3.e15162>

Endereço para correspondência:

Gabriella Garcia Moura
E-mail: gabigmoura87@gmail.com

Franciela Fernandes Vazzoler
E-mail: franciela.fernandes@gmail.com

Célia Regina Rangel Nascimento
E-mail: celiarn@gmail.com



Recebido em: 07/04/2024.
Aceito em: 31/07/2025.